

introdução à teoria  
dos opostos absolutos  
raul mourão



**galeria nara roesler | são paulo**

**abertura/opening**

25 de maio, 2019

may 25, 2019

**exposição/exhibition**

27 de maio – 20 de julho, 2019

may 27 – july 20, 2019

A **Galeria Nara Roesler | São Paulo** apresenta *Introdução à teoria dos opostos absolutos*, terceira individual de Raul Mourão na galeria. Repleta de antagonismos, a exposição reafirma a produção multimídia do artista – composta de esculturas, fotografias, pinturas e vídeos – e incorpora comentários poéticos sobre o caos social e político atual.

Com texto de Guilherme Wisnik, a mostra é dedicada a três artistas paulistas: Dora Longo Bahia, Nuno Ramos e Dudi Maia Rosa. Mourão também dedica alguns trabalhos a outros artistas-colegas: Barrão, Marcelo Cidade, Guto Lacaz e Cafí.

**Galeria Nara Roesler | São Paulo** presents *Introdução à teoria dos opostos absolutos* [Introduction to the theory of absolute opposites], the third solo show by Raul Mourão at the gallery. Filled with antagonisms, the exhibition reaffirms the artist's multimedia production - which consists of sculptures, photographs, paintings and videos - and incorporates a poetic commentary on current social and political chaos.

With critical essay by Guilherme Wisnik, the show is dedicated to three São Paulo's artists: Dora Longo Bahia, Nuno Ramos, and Dudi Maia Rosa. Mourão also devotes some work to other artist-colleagues: Barrão, Marcelo Cidade, Guto Lacaz and Cafí.



***Armário de maquetes valendo # 1***, 2019  
aço 1020 com resina sintética/1020 steel with synthetic resin  
240 x 146 x 53 cm/94.5 x 57.5 x 20.9 in



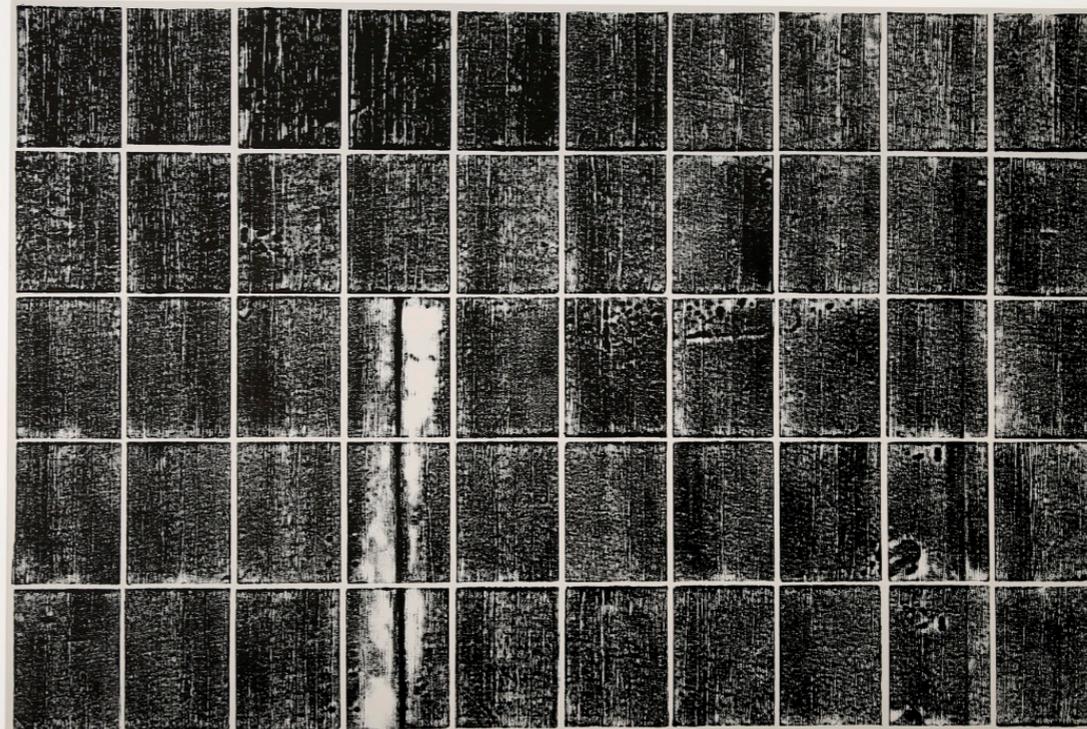
**Seta**, 2018  
aço corten/corten steel  
280 x 200 x 100 cm/110.2 x 78.7 x 39.4 in







**Gelo #7**, 2018  
aço corten/corten steel  
290 x 170 x 110 cm/114.2 x 67 x 43.3 in



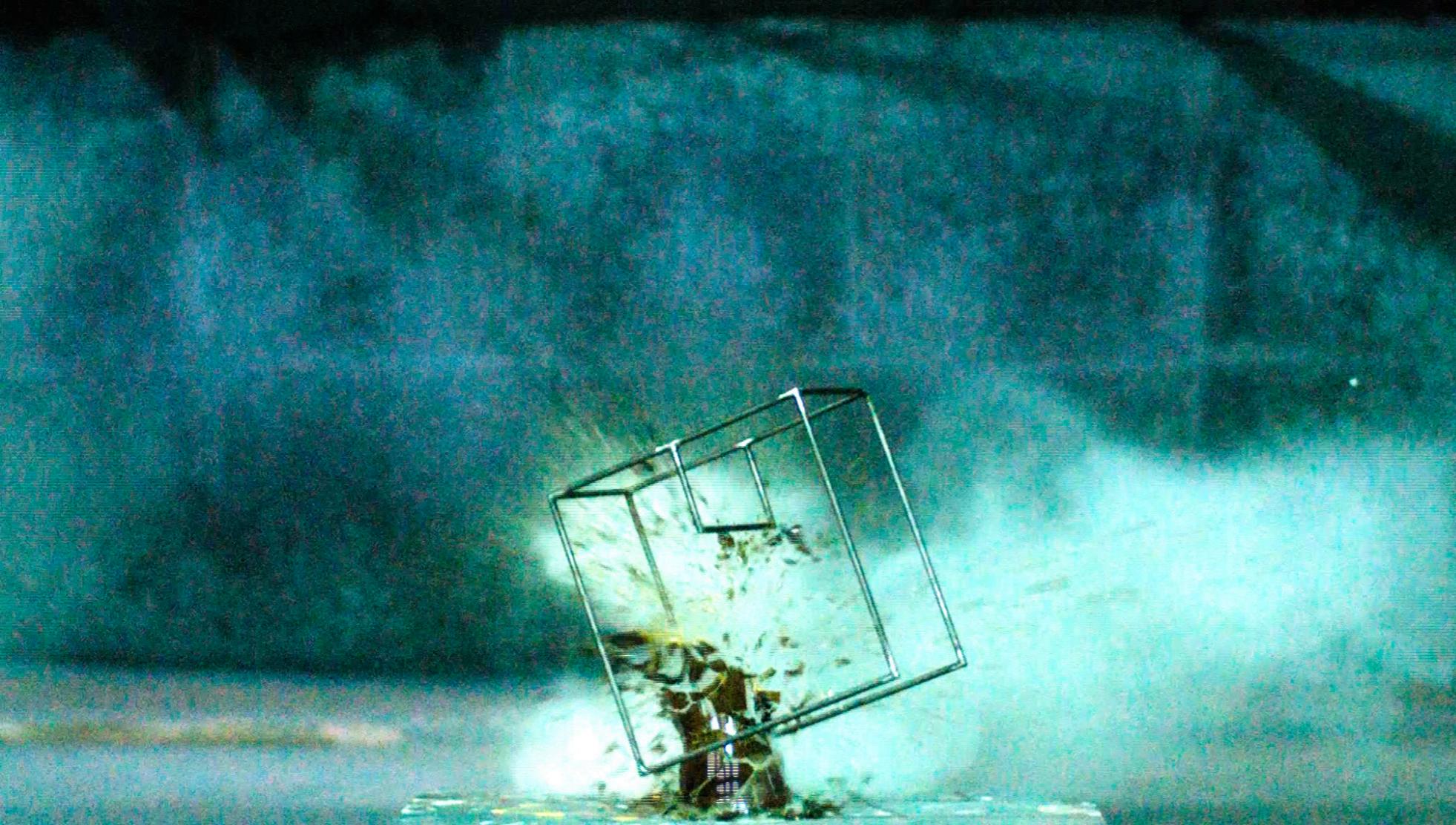
**Sem título/Untitled**, 2018  
tinta acrílica sobre tela/acrylic paint on canvas  
200 x 300 cm/79 x 118 in



**Setaderua Joaquim Selva #1, #2 e #3**, 2017  
pigmento mineral sobre papel fotográfico de algodão  
/mineral pigment on cotton photographic paper  
34 x 94 cm (cada) /13.4 x 37 in (each)



***The New American Flag***, 2017  
video digital/digital video



**Bang Bang #1**, 2017  
video digital e stereo soundtrack  
/digital video and stereo soundtrack

***The New Brazilian Flag***, 2018  
pigmento mineral sobre papel fotográfico de algodão  
/mineral pigment on cotton photographic paper  
70 x 70 cm/27.6 x 27.6 in





**The New Brazilian Flag #1**, 2019  
tecido/fabric  
90 x 130 cm/35.4 x 51.2 in



**4 cervejas (para Guto Lacaz), 2019**  
aço 1020 com resina sintética, vidro, mdf  
/1020 steel with synthetic resin, glass and wood  
46 x 50 x 25 cm/18.1 x 19.7 x 9.8 in





***Eu e cidade (para Marcelo)***, 2019  
aço 1020 com resina sintética e vidro  
/1020 steel with synthetic resin and glass  
38,5 x 25 x 25 cm/15.2 x 9.8 x 9.8 in



*Já fui cubo (para Barrão)*, 2019  
aço 1020 com resina sintética e vidro  
/1020 steel with synthetic resin and glass  
55 x 40 x 35 cm/21.7 x 15.7 x 13.8 in





# raul mourão

## introdução à teoria dos opostos absolutos

Guilherme Wisnik

Será o ser humano um *homo faber* ou um *homo ludens*? Isto é: estaria a humanidade definida pela sua capacidade racional de construir instrumentos para transformar a natureza, ou, ao contrário, pela sua aptidão para a imaginação fantasiosa, que nos permite a brincadeira, o jogo, a gratuidade e a arte?<sup>1</sup> Sem pretender desenvolver aqui o argumento do ponto de vista filosófico, gostaria de observar que o trabalho do artista Raul Mourão transita muito eloquentemente entre esses dois polos.

Passando do desenho para a escultura, Raul realiza inicialmente trabalhos vinculados à uma matriz construtiva, que dialogam tanto com o ambiente brasileiro quanto com o minimalismo e o pós-minimalismo norte-americanos. Porém, em dado momento do seu percurso, o artista envenena essa construtividade mais fria, digamos assim, com uma certa gratuidade graciosa, que faz as suas estruturas pendularem de forma instável, ao sabor do toque, ou mesmo do vento. Há algo de Calder aí, que soube dar uma síntese àquilo que parecia impossível: os exemplos de Mondrian e de Miró. Expoente de uma geração que já sabe muito bem que o empenho bem-intencionado de uma “vontade construtiva” em arte não será capaz de remediar nossas mazelas sociais, Mourão não se aferra a um único princípio ou corrente, transitando dinamicamente, de forma experimental, entre polos opostos. Daí que, em um passo seguinte, já agora em *Bang Bang* (2017), ele tenha procurado evitar a possível pacificação lúdica dos seus trabalhos, contrariando o sentido de deleite que esses balanços podem trazer com surpreendentes tiros que acertam e destroem as bases sobre as quais eles se assentam. Santos com pés de barro? Não exatamente. Talvez, melhor: bases preciosas, mas que se mostram frágeis demais diante da violência crescente do mundo à nossa volta.

Na verdade, a construtividade dos trabalhos de Raul não deixa de ter origem nessa mesma violência urbana e social, uma vez que seus modelos são extraídos das agressivas grades encontradas em nossas cidades, isolando parques e praças, blindando entradas de prédios, adornando guaritas etc. Como uma espécie de Sol LeWitt terceiro-mundista, Mourão combina a idealidade geométrica aos obstáculos urbanos que vivencia, injetando nela uma claustrofobia própria ao mundo real, à experiência violenta das cidades brasileiras nas décadas recentes – e em particular do Rio de Janeiro –, onde o encarceramento da vida cotidiana por trás de barras e grids é, cada vez mais, uma constante.

Com o olho atento ao mundo à sua volta, o artista também recolhe outros estímulos da paisagem urbana, tais como códigos gráficos de sinalização. Fazendo pinturas a partir de setas que vê na cidade, Raul as devolve à própria cidade em forma de colagem, como um padrão fortemente gráfico, de linhas vermelhas e brancas em ziguezague, sobre um muro azul em frente ao seu ateliê. Como se trata de uma impressão sobre papel, semelhante a um lambe-lambe, a obra sofre o desgaste do tempo, tanto com rasgos quanto com a adição aleatória de outras colagens por cima dela. É isso que vem a ser fotografado pelo artista, e devolvido ao mundo da arte, isto é, da galeria e do museu (*Setaderua Joaquim Selva*, 2017).

Ocorre que esse mesmo olhar de *flâneur* é o que, num outro momento, em Nova York, o faz atentar para uma bandeira norte-americana tremulando sobre um mastro, no alto de um muro, próximo ao píer onde acontecia o Armory Show, e registrá-la em forma de vídeo. O interesse, no caso, está no fato de que, dada a intensidade do vento, a bandeira acabou enrolando-se parcialmente sobre si mesma, escondendo o retângulo azul com estrelas, e mostrando apenas as genéricas faixas horizontais vermelhas e brancas. O que, a um primeiro olhar, poderia nos levar a confundir-la com as bandeiras de outros países quaisquer, como a Malásia ou da Libéria, por exemplo, ou até com um trabalho perdido do artista Daniel Buren. Isto é, o grande signo do altivo nacionalismo norte-americano havia, por um momento, perdido a sua identidade. É isso que Mourão apresenta, em forma de vídeo, com o título *The New American Flag* (2017).

É curioso pensar esses dois trabalhos em conjunto. Graficamente há uma forte relação entre as suas setas de rua no Rio de Janeiro, com listras vermelhas e brancas, e essa “nova” bandeira americana encontrada como um *objet trouvé* em Nova York. Pois, como estamos mesmo próximos aos imaginários dadaísta e surrealista, nesse caso, podemos pensar essa coincidência como um “acaso objetivo”. Isto é, como o desvelamento ocasional

---

1. Para uma defesa do primeiro caso, ver: Richard Sennett, *O artífice*. Rio de Janeiro: Record, 2009. Para uma defesa do segundo, ver: Johan Huizinga, *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

de conexões profundas. O que não deixa de lembrar, também, as já clássicas reinvenções da bandeira americana por Jasper Johns, pintando-a sobre recortes de jornal, com um resultado que se assemelha às interferências sofridas pelo mural de setas de Raul na Rua Joaquim Silva.

Essa sugestiva revisão da bandeira americana, no contexto de um violento retrocesso conservador naquele país, assim como no Brasil, talvez tenha servido de disparador poético para um outro trabalho de intervenção sobre bandeira – no caso a brasileira –, apresentado de duas diferentes formas: *The New Brazilian Flag* (2018) e *The New Brazilian Flag #1* (2019). De maneira semelhante, porém aqui como um gesto deliberado, o artista remove o círculo central da nossa bandeira, deixando-a vazada, como um olho cego. Pois, assim como no caso norte-americano, o céu azul com estrelas representa as unidades federativas nacionais, identificando, na bandeira, a própria unidade da República. Significativamente, é isso que desaparece, tanto lá quanto cá, quando esse sinistro alinhamento de forças à direita, que elegeu Trump e Bolsonaro, com todo o seu ranço de moralismo ressentido, sob um invólucro de fake news e pós-verdades, toma o centro do poder formal dos dois maiores países do continente americano, outrora chamado de “Novo Mundo”. Daí a necessidade que o artista teve de instalar essa bandeira em um espaço urbano de grande circulação, violentando um patrimônio público – os Arcos da Lapa – com furos para se fixar o mastro.

Vivemos um momento de grande divisão ideológica, política e social. Um mundo intolerante, que parece caminhar para fraturas irremediáveis. Esse mundo, no entanto, não é mais o mundo dualizado da Guerra Fria, que dominou o nosso “breve século XX”,<sup>2</sup> e sim um mundo de antagonismos borrados, onde a ameaça não está mais confinada do outro lado do muro, vindo a eclodir de forma fractal e inesperada em ações terroristas ao nosso lado, e a qualquer momento. Um mundo no qual o aspecto farsesco e tragicômico da política faz com que nossos sentimentos e reações sejam ambíguos, instilando em nós a necessidade de reação através de ações que atuem por fora do esquema binário do bem contra o mal. Daí o título irônico dessa exposição, que se assemelha a um falso manual de ciências. Raul trabalha com oposições. Mas sabe que elas não podem ser inconciliáveis.

**Guilherme Wisnik** é professor na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Foi colunista do jornal Folha de S. Paulo (2006-07 e 2016), e autor de livros como *Lucio Costa* (Cosac Naify, 2001), *Estado crítico: à deriva nas cidades* (Publifolha, 2009), *Oscar Niemeyer* (Folha de S. Paulo, 2013) e *Dentro do nevoeiro: arte, arquitetura e tecnologia contemporâneas* (Ubu, 2018). Publicou ensaios em diversos livros e revistas como *Artforum*, *Architectural Design*, *Domus*, *Plot* e *Monolito*. É membro da APCA – Associação Paulista de Críticos de Arte e foi curador do projeto de Arte Pública Margem (Itaú Cultural, 2008-10), das exposições *Cildo Meireles: rio oir* (Itaú Cultural, 2011), *Pedra no céu: arte e a arquitetura de Paulo Mendes da Rocha* (MuBE, 2017); *São Paulo: três ensaios visuais* (Instituto Moreira Salles, 2017), *Ocupação Paulo Mendes da Rocha* (Itaú Cultural, 2018) e *Infinito vão: 90 anos de arquitetura brasileira* (Casa da Arquitectura de Portugal, 2018).

---

2. Ver Eric Hobsbawm. *Era dos extremos: o breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995

# raul mourão

## introdução à teoria dos opostos absolutos [introduction to the theory of absolute opposites]

Guilherme Wisnik

Is the human being a *homo faber* or a *homo ludens*? That is to say: is humanity defined by its rational capacity to construct instruments that transform nature, or, on the contrary, by its aptitude for the fanciful imagination, which allows for play, games, gratuity and art?<sup>1</sup> Without trying to create an argument from the philosophical point of view, I would like to observe that the work of artist Raul Mourão moves very eloquently between these two poles.

Moving from drawing to sculpture, Raul initially produces works linked to a constructive matrix, which has an exchange with both the Brazilian environment and American minimalism and post-minimalism. However, at a certain point in his journey, the artist poisons this colder construction, so to speak, with a certain graceful gratuity, which causes his structures to swing unsteadily, to the touch, or even the wind. There is something about Calder there, who knew how to give synthesis to what seemed impossible: examples from Mondrian and Miró. An exponent of a generation that already knows full well that the well-intentioned commitment of a “constructive will” in art will not be able to remedy our social issues, Mourão does not cling to a single principle or current, dynamically moving, experimentally, between opposing poles. Hence, in the next step, with *Bang Bang* (2017), he tried to avoid the possible playful pacification of his works, contrary to the sense of delight that these swings can bring with surprising shots that hit and destroy bases on which they sit. Saints with feet of clay? Not exactly. Perhaps, better: precious bases, but which are too fragile in the face of increasing violence in the world around us.

In fact, the constructiveness of Raul’s works is not without origin in this same urban and social violence, since his models are extracted from the aggressive grids found in our cities, isolating parks and squares, shielding entrances of buildings, decorating guard posts etc. Like a third-world Sol LeWitt, Mourão combines geometric ideality with the urban obstacles he experiences, injecting a claustrophobia of the real world into the violent experience of Brazilian cities in recent decades - particularly in Rio de Janeiro - where the incarceration of everyday life behind bars and grids is increasingly more constant.

With his eye focused on the world around him, the artist also collects other stimuli from the urban landscape, such as graphic signaling codes. Making paintings from the arrows he

sees in the city, Raul returns them to the city in the form of a collage, like a strong graphic pattern of red and white zigzag lines, on a blue wall in front of his studio. Since it is an impression on paper, similar to a street poster, the work suffers the wear and tear of time, both with tears and with the random addition of other collages on top of it. This is what is photographed by the artist, and returned to the world of art, that is, the gallery and the museum (*Setadervua Joaquim Selva*, 2017).

It so happens that this same *flâneur’s* gaze is what, at another time in New York, brought his attention to an American Flag fluttering on a mast, at the top of a wall, near the pier where the Armory Show took place, and led him to register it in the form of a video. What is interesting, in this case, lies in the fact that given the intensity of the wind, the flag ended up partially curling in on itself, hiding the blue rectangle with stars, and showing only the generic red and white horizontal stripes. Which, at first glance, might lead us to confuse it with flags from other countries, such as Malaysia or Liberia, for example, or even with a lost work of artist Daniel Buren. That is, the great sign of haughty American nationalism had, for a moment, lost its identity. This is what Mourão presents, in video form, with the title *The New American Flag* (2017).

It is curious to think about these two works together. Graphically, there is a strong relationship between the street arrows in Rio de Janeiro, with red and white stripes, and this “new” American flag found as a *objet trouvé* in New York. Since we are really close to the Dadaist and Surrealist imagery, in this case, we can think of this coincidence as “objective chance”. That is, like the occasional unveiling of deep connections. The classic reinventions of the American flag by Jasper Johns, painted on newspaper clippings, with a result that resembles the interferences suffered by the mural of arrows of Raul at Rua Joaquim Silva cannot be forgotten.

---

1. For a defense of the first case, see: Richard Sennett, *O artífice*. Rio de Janeiro: Record, 2009. For a defense of the second, see: Johan Huizinga, *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

This suggestive revision of the American flag, in the context of a violent conservative retrogression in that country, as well as in Brazil, may have served as a poetic trigger for another intervention work on flags - in this case the Brazilian one - presented in two different forms: *The New Brazilian Flag* (2018) and *The New Brazilian Flag # 1* (2019). In a similar manner, but here as a deliberate gesture, the artist removes the central circle from the flag, leaving it bare, like a blind eye. Since, as in the case of North America, the blue sky with stars represents the national federative units, identifying, on the flag, the very unity of the Republic. Significantly, this is what disappears, both there and here, when this sinister alignment of right-wing forces, which elected Trump and Bolsonaro, with all its rancor of resentful moralism, under a cloak of fake news and post-truths, takes center stage as the formal power of the two largest countries of the American continent, formerly called the “New World”. Hence the need that the artist had to install this flag in an urban space with high circulation, violating public patrimony - Arcos of Lapa - with holes to secure the mast.

We live in a moment of great ideological, political and social division. An intolerant world, which seems to be heading for irremediable fractures. This world, however, is no longer the dualized world of the Cold War, which has dominated our “brief twentieth century,”<sup>2</sup> but a world of blurred antagonisms where the threat is no longer confined on the other side of the wall, hatching in a fractal and unexpected form in terrorist actions next to us, and at any moment. A world in which the farce and tragicomic aspect of politics makes our feelings and reactions ambiguous, instilling in us the need for reaction through actions that act outside the binary scheme of good versus evil. Hence the ironic title of this exhibition, which resembles a fake science manual. Raul works with oppositions. But he knows they cannot be irreconcilable.

**Guilherme Wisnik** is a professor at Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP). He was a columnist from *Folha de S. Paulo* (2006-07 e 2016), and wrote books such as *Lucio Costa* (Cosac Naify, 2001), *Estado crítico: à deriva nas cidades* (Publifolha, 2009), *Oscar Niemeyer* (Folha de S. Paulo, 2013) and *Dentro do nevoeiro: arte, arquitetura e tecnologia contemporâneas* (Ubu, 2018). He has published essays in several books and magazines, such as *Artforum*, *Architectural Design*, *Domus*, *Plot* and *Monolito*. He is a member of APCA – Associação Paulista de Críticos de Arte, and curated the *Arte Pública Margem* project (Itaú Cultural, 2008-10), as well as the exhibitions *Cildo Meireles: rio oir* (Itaú Cultural, 2011), *Pedra no céu: arte e a arquitetura de Paulo Mendes da Rocha* (MuBE, 2017); *São Paulo: três ensaios visuais* (Instituto Moreira Salles, 2017), *Ocupação Paulo Mendes da Rocha* (Itaú Cultural, 2018) and *Infinito vão: 90 anos de arquitetura brasileira* (Casa da Arquitectura de Portugal, 2018).

---

2. See Eric Hobsbawm. *Era dos extremos: o breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995

# raul mourão

Nascido em 1967 no Rio de Janeiro, Brasil

Inspirado pela paisagem urbana do Rio de Janeiro, Raul Mourão combina fragmentos de construção urbana e formas abstratas em esculturas cinéticas, desenhos, vídeos e performances. Usando como ponto de partida desenhos meticulosos, aparentemente arquitetônicos, ele cria esculturas e montagens abstratas e minimalistas que enfatizam a tensão entre o caos bruto da cidade e sua geometria controlada, incorporando cercas de metal, sistemas de segurança e objetos remisscentes de carrinhos e bancas de mercado. Desde 2010, o artista trabalha com esculturas cinéticas compostas por formas geométricas simples e reduções estruturais de formas modulares. Em muitos aspectos, sua nova produção combina a problemática da violência urbana implícita em trabalhos iniciais e uma preocupação formalista com o equilíbrio das formas.

## seleção de coleções permanentes

Instituto Itaú Cultural, São Paulo/SP, Brasil

Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC-Niterói), Niterói/RJ, Brasil

Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro/RJ, Brasil

## seleção de exposições recentes

Museu da República, Rio de Janeiro/RJ, Brasil, 2018

Villa Aymoré Galeria, Rio de Janeiro/RJ, Brasil, 2018

Sesc Belenzinho, São Paulo/SP, Brasil, 2018

Centro Cultural Fiesp, São Paulo/SP, Brasil, 2017-18

Frestas – Trienal de Artes, Sesc Sorocaba, Sorocaba/SP, Brasil, 2017

# raul mourão

Born 1967 in Rio de Janeiro, Brazil

Inspired by his urban surroundings of the city of Rio de Janeiro, Raul Mourão combines fragments of urban construction and abstract forms in his mobile sculptures, drawings, videos, and performances. Using meticulous, seemingly architectural drawings as his starting point, he creates minimalist abstract sculptures and assemblages that focus on the tension between the raw chaos of the city and its controlled geometry, incorporating metal railings, security systems, fences, and objects reminiscent of trolleys and stalls in his works. Since 2010, the artist has been working on kinetic sculptures comprising of simple geometric forms and structures, made out of modular forms. In many ways, his new production method combines the violence implicit in his previous works with a formalist preoccupation with structural balance.

## a selection of permanent collections

Instituto Itaú Cultural, São Paulo/SP, Brazil

Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC-Niterói), Niterói/RJ, Brazil

Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro/RJ, Brazil

## a selection of recent shows

Museu da República, Rio de Janeiro/RJ, Brazil, 2018

Villa Aymoré Galeria, Rio de Janeiro/RJ, Brazil, 2018

Sesc Belenzinho, São Paulo/SP, Brazil, 2018

Centro Cultural Fiesp, São Paulo/SP, Brazil, 2017-18

Frestas – Trienal de Artes, Sesc Sorocaba, Sorocaba/SP, Brazil, 2017



**abertura/opening**

25 de maio, 2019 | 11h  
may 25, 2019, | 11am

**exposição/exhibition**

27 de maio – 20 de julho, 2019  
seg – sex > 10h – 19h  
sáb > 11h – 15h  
may 27 – july 20, 2019  
mon – fri > 10am – 7pm  
sat > 11am – 3pm

**galeria nara roesler | são paulo**

avenida europa 655 jardim europa  
são paulo sp brasil

info@nararoesler.art  
www.nararoesler.art

**são paulo**

avenida europa 655  
jardim europa 01449-001  
são paulo sp brasil  
t 55 (11) 2039 5454

**rio de janeiro**

rua redentor 241  
ipanema 22421-030  
rio de janeiro rj brasil  
t 55 (21) 3591 0052

**new york**

22 east 69th street 3r  
new york ny 10021 usa  
t 1 (646) 678 3405